

A viola caipira como instrumento musicalizador: a experiência musical em uma escola pública do campo

Leandro Drumond Marinho (UFSJ)
ledmarinho@hotmail.com

Resumo: O presente texto é o recorte de uma pesquisa de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, que se debruçou sobre a experiência musical vivida por um professor-investigador e seus alunos. A partir de uma escuta etnográfica e da participação observante de oficinas de viola caipira para crianças e jovens de uma escola pública do campo chegou-se à ideia de que a viola caipira pode ser pensada neste processo educativo-musical como um instrumento musicalizador. Para corroborar tal pensamento buscamos perceber como o C(L)A(S)P de Swanwick pôde ser percebido junto ao referido processo educacional.

Palavras-chave: Educação Musical. Musicalização. Viola Caipira. Instrumento Musicalizador

O presente texto é o recorte de uma pesquisa de mestrado¹ realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, que se debruçou sobre a experiência musical vivida por um professor-investigador e seus alunos. A investigação buscou observar e analisar oficinas de viola caipira para crianças e jovens de uma escola pública do campo que recebeu no contraturno escolar o projeto *Viola na Escola*.

O projeto teve início em 2014 e suas atividades educativo-musicais consistiram em oficinas de viola caipira, apresentações públicas, rodas de viola, dentre outras vivências musicais que compuseram a experiência musical dos sujeitos envolvidos.

Trabalhamos com a concepção de que a Educação Musical pode ser compreendida como um processo passível de ser pensado em diferentes estágios, sendo que o primeiro deles seria a musicalização. Considerando que as oficinas de viola caipira proporcionaram à maioria dos alunos do projeto um primeiro contato instrumentístico, buscamos elementos para refletirmos sobre a experiência musical como um processo desta natureza.

¹ Pesquisa financiada pela CAPES - Dissertação intitulada *A viola caipira e a experiência musical em uma escola pública do campo – Emboabas/MG*. Data da defesa: 12/05/2017. Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São João del-Rei. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/DissertacaoLeandroDrumondMarinho.pdf>

A partir das análises e reflexões construídas ao longo da investigação problematizamos sobre a viola caipira estar sendo utilizada como instrumento musicalizador no processo educativo-musical investigado. Para tanto, buscamos compreender como o *Modelo Compreensivo da Experiência Musical – C(L)A(S)P* de Keith Swanwick pôde ser percebido. Nesta perspectiva é que realizamos o nosso recorte, visando apresentar uma das facetas da pesquisa que mais dialoga com o campo da Música.

A seguir faremos uma breve contextualização, comentando sobre o lócus de investigação, os sujeitos envolvidos, o projeto e a Escola, para na sequência adentrarmos nos objetivos da pesquisa, em seu aporte teórico, nos aspectos metodológicos, em alguns resultados e em parte das considerações finais.

O contexto da investigação: a vila, a escola, o projeto e os sujeitos

O Distrito de Emboabas, formado pelos povoados de Montividio, Cananéia, Lages, Pontos dos Resendes, Morro Grande e a Vila de Emboabas, onde está localizada a Escola Municipal de Emboabas, fica a aproximadamente trinta e cinco quilômetros de estrada de terra do município a que pertence, São João del-Rei.

Figura 1 - Vila de Emboabas



Fonte: arquivo do autor

Um dos lugares mais antigos de Minas, o pequeno lugarejo que já foi conhecido como *São Francisco do Onça* é cenário típico mineiro, com belas paisagens, plantações de feijão, arroz, eucalipto e principalmente de milho e soja. No centro do vilarejo fica a capela dedicada a São Francisco de Assis, que foi erigida por provisão de 13 de janeiro de 1727².

² Foi benta a 8 de abril de 1728, pelo Revd. Dr. Manoel da Rosa Coutinho, Cônego Trindade. (disponível em: <http://diocesedesaojoadelrei.com.br/parouquia-de-sao-francisco-de-assis-de-emboabas/>, acesso em 23/07/2016).

Figura 2 - A Praça e a Igreja de São Francisco de Assis



Fonte: arquivo da Escola Municipal de Emboabas

A cem metros da Igreja de São Francisco de Assis está nosso lócus de investigação, a atual Escola Municipal de Emboabas³, que até 1998 pertencia à rede Estadual de Ensino. A Escola atende prioritariamente a alunos na faixa etária correspondente à Educação Infantil I e II, alunos de 04 (quatro) e 05 (cinco) anos completos e o Ensino Fundamental de 09 (nove) anos. Segundo dados extraídos do Histórico do Regimento Escolar, em 2006 é que foi construída a atual Escola Municipal de Emboabas, local onde teve início o projeto *Viola na Escola*.

Figura 3 - Escola Municipal de Emboabas



Fonte: arquivo do autor

O Projeto *Viola na Escola* é uma iniciativa do *Instituto Chico Lobo* que, por meio de uma parceria com a Universidade Federal de São João del-Rei e com a Administração Pública Municipal, fomentou o ensino da viola caipira em escolas de Distritos rurais. Em Emboabas, iniciou em maio de 2014, com aulas semanais, às quintas-feiras, de 12 às 16 h, em parceria com o *Programa Mais Educação*⁴. Cerca de 30 (trinta) alunos na faixa etária entre 10 e 15 anos participaram do Projeto *Viola na Escola*, sendo que o estudo se deu no contraturno escolar, numa perspectiva de Educação Integral em Tempo Integral, onde outras atividades extra-curriculares⁵ lhes foram oferecidas. Quanto à mão de obra intelectual, ou seja, os professores de viola caipira, foram os alunos e ex-alunos do Curso de Licenciatura em Música da UFSJ.

³ A escola foi municipalizada através da Portaria da SEE nº 9205/98 MG, de 28/02/1998.

⁴ O Programa Mais Educação constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para induzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral.

⁵ Capoeira, Xadrez, Atividades Ambientais (ex: horta comunitária), Reforço Escolar, dentre outras.

Figura 04 - os instrumentos do Projeto



Fonte: arquivo do autor

Figura 05 - aula no pátio da Escola



Fonte: arquivo do autor

Bem como os professores de viola caipira, outras pessoas atuaram no projeto, porém, não foram tratadas como sujeitos da pesquisa, em que pese suas participações diretas. **Optamos por investigar a experiência musical vivida pelas crianças, pelos jovens e por este investigador que ora subscreve**, que acumulou durante a pesquisa as funções de pesquisador e de professor de viola caipira.

É primordial para se compreender a natureza da investigação que eu, o investigador, fui também sujeito operador da produção dos dados e que ocupei o lugar de professor de viola caipira na Escola Municipal de Emboabas. Essa imbricação de lugares sociais é importante para se compreender a origem e o interesse em produzir este trabalho de investigação, e também, é o lugar a partir do qual construí as análises e interpretações sobre a *experiência musical*, que foi o objeto pesquisa.

Uma escuta etnográfica e suas ferramentas metodológicas

A abordagem escolhida para o desenvolvimento do trabalho encontrou aporte nas pesquisas qualitativas, entendendo-as como aquelas que privilegiam a compreensão dos sentidos construídos pelos sujeitos participantes de um determinado fenômeno social. Nesse cenário, **a investigação buscou compreender como estas crianças, jovens e o professor-investigador vivenciaram a experiência musical compartilhada na Escola Municipal de Emboabas/MG.**

Os dados foram construídos a partir de uma *escuta etnográfica*, que sempre que possível buscou trazer imagens, a fala e os sentidos que foram construídos pelas crianças e jovens. Desse modo, busquei desenvolver uma *participação observante* do trabalho realizado nas oficinas de viola caipira, o que permitiu tornar-me familiarizado com os alunos, e também, que proporcionou uma aproximação de suas ações, do seu contexto e dos sentidos por eles construídos na sua experiência musical.

Outra ferramenta metodológica utilizada foi a *entrevista semiestruturada* com os sujeitos envolvidos, entendendo-as como uma conversa intencional (BOGDAN; BIKLEN, 1994), na perspectiva de eventos discursivos complexos, construídos pelas imagens, representações e expectativas que circulam de parte a parte, entre entrevistador e entrevistados (SILVEIRA, 2007). Entrevistas livres, abertas, semi-guiadas, repletas de trocas mútuas de conhecimento que reforçaram a ideia de alteridade em pesquisas etnográficas, nas quais o sujeito é fonte direta de construção do saber.

Além da *participação observante* e da *entrevista*, nos valem de outra técnica de extrema importância associada à investigação etnográfica, a da escrita do *diário de campo*. Segundo Bogdan e Biklen (1994, p.150), “depois de cada observação, entrevista, ou qualquer outra sessão de investigação, é típico que o investigador escreva, de preferência num processador de texto ou computador, o que aconteceu”, buscando descrever as pessoas, objetos, lugares, acontecimentos, atividades, conversas, e também, registrando idéias, estratégias, reflexões e palpites.

Das participações observantes e das entrevistas realizadas, foram feitas *gravações em vídeo e áudio*, como formas de registro do trabalho de campo, bem como foram construídas as mencionadas *notas de campo* detalhadas, contendo a ‘descrição/análise escrita daquilo que ouvi, vi, experenciei e pensei no decorrer da produção dos dados. Os vídeos possibilitaram observar e (re)observar os eventos no momento de sua ocorrência. Além disso, serviram “como contraponto quando da comparação com as anotações de campo” (PINK *apud* MATTOS, 2011, p.33).

Fiz uso também de uma máquina fotográfica para fazer inventariar objetos no local de investigação, bem como os instrumentos musicais; para produzir dados relativos a eventos, espaços, pessoas e demais coisas ou situações passíveis de serem fotografadas, e também, como recurso didático a ser comentado, utilizei diversas vezes o aparelho celular para gravar, filmar e tirar fotografias. Desse modo, as fotografias não se constituíram apenas como ilustração do texto, mas foram elas próprias textos que dialogaram com o vivido na construção dos sentidos.

A seguir trago uma *colagem de fotografias* para exemplificar como as mesmas se constituíram em textos capazes de nos auxiliar na construção dos sentidos e como também foram potencialmente descritivas.

Figura nº 06 - Colagem de fotografias (crianças e jovens do projeto)



Fonte: elaborado pelo pesquisador

Musicalização e o Modelo Compreensivo da Experiência Musical

A Educação Musical sob uma perspectiva mais moderna comunga da concepção de que não se restringe ao estudo específico de instrumentos musicais com o intuito de atender aos rigores estéticos de determinado gênero ou período, mas, sim, advoga as ideias preconizadas pelos educadores musicais: Zoltán Kodály, Maurice Martenot, Shinichi Suzuki, Keith Swanwick, John Paynter, Hans-Joaquim Koellreutter, dentre outros, que defendem uma visão mais ampla, humana e democrática de *educação*.

(...) educação musical como meio que tem a função de desenvolver a personalidade do jovem como um todo; de despertar e desenvolver faculdades indispensáveis ao profissional de qualquer área de atividade, como, por exemplo, as faculdades de percepção, as faculdades de comunicação, as faculdades de concentração (autodisciplina), de trabalho em equipe, ou seja, a subordinação dos interesses pessoais aos do grupo, as faculdades de discernimento, análise e síntese, desembaraço e autoconfiança, a redução do medo e da inibição causados por preconceitos, o desenvolvimento de criatividade, do senso crítico, do senso de responsabilidade, da sensibilidade de valores qualitativos e da memória, principalmente, o desenvolvimento do processo de conscientização do todo, base essencial do raciocínio e da reflexão (KOELLREUTTER *apud* BRITO, s/d, s/p).

Por sua vez, o pensamento filosófico de Zoltán Kodály contempla a música como pertencente a todos e como parte integrante da cultura do ser humano. Para ele “as aulas de música devem ser regularmente oferecidas nas escolas, de modo a propiciar o apreciar e o pensar musical, tornando a alfabetização e as habilidades musicais parte da vida do cidadão” (SILVA, 2012, p.57). No mesmo sentido, John Paynter, argumenta que

a música, assim como a ciência e as demais áreas artísticas, é algo para todos, não podendo ser apenas para alguns. O papel da música nas escolas não é o de formar instrumentistas, mas o de proporcionar o contato com a música através de experiências variadas e criativas (PAYNTER *apud* MATEIRO, 2012, p.251).

Em suma, propõe-se ensinar música nas escolas com o intuito de democratizar o desenvolvimento integral do ser humano, colaborando para o crescimento global do indivíduo, entendendo o ensino e a aprendizagem da música como uma área de conhecimento que compõe o desenvolvimento do ser humano em sua totalidade.

Ao compreendermos a musicalização enquanto uma etapa dentro da educação musical, automaticamente colocamos esta última dentro de um processo mais amplo. Ela pode atingir fases que ultrapassam a musicalização, podendo, por exemplo, abordar a notação musical enquanto representação simbólica convencionalizada (PENNA, 1991, p. 36). Já a musicalização trabalharia nos níveis da concreticidade sonora (COUTO, 2009, p.114).

Na Musicalização, o “fazer musical” é o que deve ser fomentado, através das modalidades conhecidas como *execução*, em que se faz música através da execução instrumental e/ou vocal; da *apreciação*, que é a modalidade na qual a pessoa ouve música de maneira crítica e participativa; e também da *composição*, que implica a criação musical através da manipulação dos elementos da música, segundo a teoria de Keith Swanwick. Nessa fase busca-se desenvolver os instrumentos de percepção básicos necessários para a compreensão do material sonoro como linguagem artística, ou como prefere o autor, como discurso.

O nível de domínio dos códigos musicais durante a etapa da musicalização seria diferente do de um profissional, por se ater ao fornecimento de “um referencial básico, dos esquemas de percepção necessários para sustentar uma disposição de se apropriar de obras musicais” (PENNA, 1991, p.43).

Nesta perspectiva, Keith Swanwick propõe um modelo de ação para o ensino da música, o *Modelo Compreensivo da Experiência Musical*⁶, denominado por C(L)A(S)P, que visa explicar como as atividades musicais proporcionam o envolvimento dos alunos com a música. O autor defende que o objetivo fundamental da Educação Musical é que “os alunos possam ser ‘sensibilizados’ pela experiência musical” (DA COSTA, 2010, p.35).

No modelo, Swanwick enfatiza a centralidade da experiência musical ativa através das atividades de composição - C -, apreciação - A - e performance - P -, ao lado de atividades de “suporte” agrupadas sob as expressões aquisição de habilidades (skill acquisition) - (S) - e estudos acadêmicos (literature studies) - (L). Os parênteses

⁶ É importante ressaltar que o modelo de Swanwick não é um método de educação musical, nem um inventário de práticas pedagógicas, o modelo carrega uma visão filosófica sobre a Educação Musical.

indicam atividades subordinadas ou periféricas - (L) e (S) - que podem contribuir para uma realização mais consistente dos aspectos centrais - C, A e P (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p.17).

Nas oficinas de viola caipira em Emboabas o modelo pôde ser percebido nas variadas atividades que compuseram a experiência musical vivida. Na *roda de viola*, por exemplo, os sujeitos tiveram a oportunidade de vivenciar esta experiência musical tal qual nas manifestações culturais que se valem desta prática. As atividades consistiram em tocar o variado repertório de música caipira, sendo que os alunos puderam experimentar, provar e se arriscar, na busca por acompanhar o que era tocado pelos professores. As oficinas em roda de viola foram importantes vivências que marcaram a experiência musical, uma vez que estas práticas musicais não se assemelharam a “aulas”, mas sim, a cotidianas atividades da vida em sociedade, que respeitaram o tempo de cada sujeito, proporcionando assim um ambiente propício para a *criação* e a *improvisação*.

A *composição* pôde ser percebida durante todo o processo de vivência musical junto à viola caipira, porém, em níveis de complexidade diferentes, uma vez que esteve presente desde as primeiras oficinas nas atividades de exploração sonora até o que entendo ser o ápice do processo composicional, que consistiu na criação musical de *Menino do Campo*⁷. A canção foi emblemática nesse sentido, pois as crianças e jovens tiveram, durante todo o processo de criação, a liberdade de provar, experimentar, arriscar e não somente reproduzir o que já estava dado e constituído. Contudo, vale ressaltar que na perspectiva adotada por Swanwick, a *composição* incluiu todas as formas de invenção musical, não se restringindo aos trabalhos que são escritos sob qualquer forma de notação, como por exemplo na criação dos *arranjos* e nas atividades de *improvisação*.

A experiência musical vivida no projeto consistiu também das diversas formas de *apreciação* musical em que os sujeitos foram convidados a participar, bem como um recital de piano, os shows no Teatro Municipal, as apresentações dos professores, os vídeos e os áudios disponibilizados, sejam nas oficinas ou no *facebook*. O contato com diferentes instrumentos musicais que foram levados pelos professores de viola caipira também compôs a experiência musical, inclusive o fato de terem tocado em diversos modelos e violas caipiras do projeto.

As apresentações públicas também fizeram parte da experiência musical vivida e compartilhada pelos sujeitos envolvidos na pesquisa e foram percebidas como marcantes

⁷ A canção *Menino do Campo* é o resultado de um longo processo de criação e composição musical que teve a participação dos alunos e dos professores. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8uVQB7axkD4&feature=youtu.be>

atividades de *performance* musical. Vale lembrar que a *performance* não se restringiu ao ato de tocar em público para uma platéia, mas abrangeu todo e qualquer comportamento musical observável, desde o acompanhar de uma canção com palmas à apresentação formal de uma obra musical para uma platéia. A *performance* também aconteceu em sala de aula através de uma gama de possibilidades, “incluindo o canto – um meio altamente expressivo e acessível – instrumentos de percussão, fontes sonoras diversas ou instrumentos tradicionais” (FRANÇA; SWANWICK, 2002, p.14).

Em suma, a experiência musical que vivi com as crianças e jovens do projeto, abarcou diversificadas atividades, que foram realizadas em diferentes tempos e espaços. Analisar as oficinas em sala de aula, na praça, as rodas de viola, as apresentações públicas, os recitais, shows, reportagens, dentre outras coisas, possibilitou compreender a complexidade do que foi pesquisado, principalmente porque cada sujeito envolvido nesta experiência construiu os seus sentidos com singularidade, a partir de seus sucessos e dificuldades diante do mesmo evento ou atividade.

Considerações finais

Face ao exposto, considerando os objetivos educativo-musicais apresentados, quais sejam, o de despertar e sensibilizar para a Música, concluímos que a viola caipira neste processo de ensino-aprendizagem pode ser considerada um *instrumento musicalizador*, uma vez que foi a protagonista no mencionado processo de musicalização. Ao proporcionar aos alunos um primeiro contato instrumentístico, partiu de uma vivência prática distinta da sistematização teórica, ditada por pautas, pentagramas, sinais e símbolos, que muitas vezes engessam ou até mesmo bloqueiam o fazer musical quando apresentada precocemente.

Através de experiências variadas e criativas, tais como: - as oficinas em sala de aula; - as rodas de viola; - os encontros realizados na praça do vilarejo; - as diversas atividades de *performance* musical; - as múltiplas atividades de apreciação musical; - as criações musicais (nos improvisos, na canção *Menino do Campo* e nos arranjos); foi possível aguçar e aprimorar a percepção auditiva e espacial, a imaginação, a coordenação motora, a memorização, a socialização e a expressividade dos jovens violeiros, sendo que a exploração, a imitação e a criação foram fontes genuínas de atração e interesse pela música e pela viola caipira.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Teca Alencar. *O humano como objetivo da educação musical: o pensamento pedagógico-musical de Hans-joachim Koellreutter*. Disponível em: <http://www.galileo.edu/esa/files/2011/12/3.-O-HUMANO-COMO-OBJETIVO-DA-EDUCA%C3%87%C3%83O-MUSICAL-Teca-Brito.pdf>. Acesso em 11.06.2016.
- BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto Editora, 1994.
- COUTO, Ana Carolina Nunes; SANTOS, Israel Rodrigues Souza. Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar. *Opus*, Goiânia, v. 15, n. 1, jun. 2009.
- DA COSTA, Maria Manuela Isaiás Afonso. *O valor da música na educação na perspectiva de Keith Swanwick*. Dissertação (Mestrado em Educação). 107f. Universidade de Lisboa, 2010.
- FRANÇA, Cecília Cavalieri; SWANWICK, Keith. Composição, Apreciação e Performance na Educação Musical: teoria, pesquisa e prática. *Revista Em Pauta*, v.13. n.21. Porto Alegre, PPGMUS – UFRGS, 2002. p.5-41.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de; CASTRO, Paula Almeida de (Orgs.). *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. *Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil*. In MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de (Orgs.) *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB, 2011.
- MATEIRO, Teresa. John Paynter: A música criativa nas escolas. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (orgs). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012, p. 159-184.
- PENNA, Maura. *Reavaliações e buscas em musicalização*. São Paulo: Loyola, 1991.
- SILVA, Walênia Marília. Zoltán Kodály: alfabetização e habilidades musicais. In: MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (orgs). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: InterSaberes, 2012, p. 57-87.
- SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. A entrevista na pesquisa em educação: uma arena de significados. In: COSTA, Marisa Vorraber. (Org.) *Caminhos Investigativos II: outros Modos de Pensar e Fazer Pesquisa em Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.